

Meditação sobre as palavras de Gurumayi

Mahashivaratri

por Eesha Sardesai

O Senhor Shiva gosta do nome dele

Durante o *satsang* em Mahashivaratri, cantamos o mantra *Om Namah Shivaya*. Vez após vez, repetimos o nome do Senhor. *Om Namah Shivaya*. “Eu reverencio o Senhor Shiva, o auspicioso, o Ser de todos e o Ser interior.”

Gurumayi nos explicou que o Senhor gosta do nome dele, que fica muito satisfeito quando o invocamos, usando seu nome. Tive uma lembrança repentina, quando Gurumayi disse isso, das histórias que li enquanto crescia — os contos épicos da Índia antiga, muitos dos quais foram originalmente registrados nos Puranas e em outros textos das escrituras. Havia inúmeros relatos de pessoas em *yugas* passadas que viajavam até o cume remoto de uma montanha e realizavam *tapasya*, austeridades, por meses e anos a fio. Enquanto faziam isso, repetiam o nome de sua divindade escolhida — frequentemente o Senhor Shiva — com foco inabalável. Finalmente, o Senhor aparecia diante delas, satisfeito com sua adoração, e lhes concedia uma bênção de sua escolha.

Eu adorava ler essas histórias, e mesmo assim uma pergunta ficava pairando na minha mente. Me parecia que, na maioria das vezes, os personagens dessas histórias oravam ao Senhor Shiva porque queriam algo dele. Às vezes, o que desejavam era nobre e virtuoso — a proteção do dharma, a elevação da humanidade. Às vezes, era um objetivo mais imediato e pessoal que eles tinham em mente. E *outras vezes*, a pessoa que orava era claramente uma personificação da avareza; ela estava

determinada a acumular sua própria riqueza e poder. Os *asuras*, os demônios, buscavam as bênçãos do Senhor Shiva tanto quanto os *devatas*, os deuses e o povo da terra. Até mesmo Ravana, o rei demônio em torno de cujas ações imorais se desenrola grande parte do *Ramayana*, era considerado um grande devoto do Senhor Shiva. Sua força indomável era em grande parte fruto de sua intensa *tapasya* realizada para o Senhor.

Então eu pensava: “Como é que pode o Senhor — que é onisciente e supremamente desapegado — conceder a *todos* esses indivíduos aquilo que desejam, independentemente de quem são, do que fizeram e das intenções que têm? É ‘só’ porque repetiram o nome dele?”

O que eu não compreendia totalmente, pelo menos não intelectualmente, era a natureza da compaixão do Senhor. O Senhor Shiva é Dayalu, o misericordioso. Ele é Bhaktavatsala, aquele que tem um coração cheio de ternura por seus devotos. Ele é Ashutosh, aquele que se agrada facilmente, que responde rapidamente aos que oram para ele com sinceridade. Quando clamamos ao Senhor, quando dizemos seu nome, nossas falhas se tornam secundárias. O Senhor virá *sim* nos encontrar. Ele é o Ser interior, a presença de Deus em nosso próprio ser. Não precisamos expiar cada um de nossos erros passados antes de experimentarmos essa presença divina. Não precisamos nos tornar uma versão mais “aprimorada” de nós mesmos para sermos dignos do amor de Deus. Só precisamos *lembrar*. Deus está sempre aqui, *bem aqui*, conosco, e sem julgamentos.

Isso não quer dizer que não sejamos responsáveis por nossas ações. Também não estou sugerindo que não devemos tentar fazer o bem em nossas vidas, que não devemos nos esforçar para ser gentis, generosos e atenciosos, que não devemos cuidar de nosso planeta e de seus habitantes. Gurumayi nos ensina que é nosso dever, como seres humanos, fazer exatamente isso. Até mesmo as histórias das escrituras tendem a incluir alguma ressalva que permite que a retidão seja mantida no mundo. O Senhor pode conceder uma bênção a um *asura*, mas se esse demônio

permitir que seus vícios fiquem sem controle — sua ganância, seu orgulho — então, sem falhar, eles encontrarão seu fim.

A questão é que a compaixão do Senhor — e nossa capacidade de experimentar essa compaixão — existem em um plano que transcende o certo e o errado. Além disso, as escrituras nos dizem que o nome do Senhor é inerentemente purificador. Repetir esse nome já é um ato de mérito em si mesmo — que cria e amplia a auspiciosidade. Existem capítulos inteiros do *Shiva Purana* dedicados a glorificar o nome do Senhor Shiva. O sábio Suta, que narra um desses capítulos, chega a proclamar que “o poder do nome do Senhor Shiva em destruir pecados é maior do que a capacidade das pessoas de cometê-los.” Ele descreve o nome do Senhor como um “machado” que corta tais pecados, como “néctar” que acalma aqueles “queimados pela conflagração dos pecados” e como o meio para a “liberação perfeita”.¹

No *satsang* em Mahashivaratri, Gurumayi disse simplesmente que o Senhor gosta de seu nome e que se alegra quando o invocamos. Para mim, essa única afirmação — doce e intrigante como é — iluminou tantas possibilidades de contemplação. Tantas ideias para considerar. Tantas associações para fazer e explorar ainda mais.

Portanto, fico pensando: se você teve a chance de contemplar esse ensinamento, o que surgiu para você? O que você pensa quando ouve que o Senhor Shiva gosta do nome dele?



© 2026 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

¹ *Siva Purana: Parte I*; ed. J. L. Shastri (Delhi: Motilal Banarsidass, 1950), cap. 23, p. 152.